

IMPrensa E INSTRUÇÃO: SILVINO DE AZEREDO E O CORREIO DA LAVOURA – NOVA IGUAÇU (1917 – 1939)

Diogo Piassá das Mercês

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

diogolione@gmail.com

RESUMO

O presente resumo reflete sobre a imprensa negra iguaçuana a partir da formação do jornal Correio da Lavoura, periódico fundado no município-sede de Iguaçu em 22 de março de 1917 pelo intelectual negro Silvino Azeredo. O semanário estabelecido no município-sede de Iguaçu é o vestígio histórico mais recorrentemente utilizado nas pesquisas produzidas que versam sobre a região do Sertão e da Grande Iguaçu, contribuindo significativamente com os pesquisadores no fortalecimento de uma historiografia da Baixada Fluminense. Para auxiliar no entendimento das ações deste intelectual e de seus colaboradores a partir de suas redes de sociabilidade e solidariedade, os escritos Sirinelli (2003), expoente da História dos Intelectuais, serão evocadas para nortear e balizar a compreensão de suas ações à frente do jornal. Sabendo que é impossível capturar todas as especificidades presentes nos sujeitos e nos múltiplos espaços permeados por estes mediadores culturais, optou-se por trazer luz sobre a Nova Iguaçu negra, fruto de (des)encontros e atravessada por egressos do cativo. Assim sendo, propõem-se um diálogo profícuo com a Geografia por intermédio de Cunha (2008), a fim de nortear os critérios que balizam o entendimento do que vem a ser, em uma escala macro, a região da Grande Iguaçu, o espaço físico que comporta em seu território quase todos os municípios que no futuro formarão a Baixada Fluminense e, e numa escala menor, o município de Nova Iguaçu. O jornal não-pedagógico (CAMPOS, 2012) a partir de suas investidas nos diferentes estratos da sociedade do período, buscava memorar uma tradição (HOBSBAWN; RANGER, 1984). A possibilidade de uma imprensa negra no Sertão emerge a partir da categoria do “não-dito”, analisando as imagens publicadas em edições comemorativas do periódico dialogando com os escritos de Burke (2004) sobre a utilização das imagens como evidências para as pesquisas em História da Educação. Ao fazer uso dessas evidências, abre-se uma nova frente de possibilidades em relação a questão étnica dos grupos que transitavam pela folha. Ao estampar na primeira página um afroiguaçuano, intelectual, atuante no cenário público local e regional, o periódico demarca-se como um jornal negro, feito e capitaneado por mãos negras. A diagramação da página, o tamanho e a centralização da fotografia, o cuidado na escolha da melhor imagem, indiciam toda a intencionalidade na produção desta memória histórica jornalística local. Em termos metodológicos, este resumo dialoga também com a História Local da Educação e a historiografia da Baixada Fluminense a partir dos trabalhos produzidos por Dias (2014) e Nascimento; Bezerra (2019). Por fim, espera-se colaborar em novos entendimentos sobre as histórias da educação na Baixada Fluminense, região estigmatizada que por vezes é associada à violência e ao descaso do Poder Público.

Palavras-chave: Baixada Fluminense. Imprensa. História

Introdução

O artigo aqui apresentado é parte da pesquisa sobre a imprensa negra iguaçuana a partir da formação do jornal *Correio da Lavoura*, periódico fundado no município-sede de Iguaçu em 22 de março de 1917 pelo intelectual negro Silvino Azeredo. O semanário estabelecido no município-sede de Iguaçu é o vestígio histórico mais recorrentemente utilizado nas pesquisas produzidas que versam sobre a região da Grande Iguaçu. Para auxiliar no entendimento das ações deste intelectual e de seus colaboradores a partir de suas redes de sociabilidade e solidariedade, os escritos Sirinelli (2003), expoente da História dos Intelectuais, serão evocadas para nortear e balizar a compreensão de suas ações à frente do jornal. Sabendo que é impossível capturar todas as especificidades presentes nos sujeitos e nos múltiplos espaços permeados por estes mediadores culturais, optou-se por trazer luz sobre a Nova Iguaçu negra, fruto de (des)encontros e atravessada por egressos do cativoiro.

Assim sendo, propõem-se um diálogo profícuo com a Geografia por intermédio de Cunha (2008), a fim de nortear os critérios que balizam o entendimento do que vem a ser, em uma escala macro, a região da Grande Iguaçu, o espaço físico que comporta em seu território quase todos os municípios que no futuro formarão a Baixada Fluminense e, e numa escala menor, o município de Nova Iguaçu. O jornal não-pedagógico (CAMPOS, 2012) como fonte de pesquisa, a partir de suas investidas nos diferentes estratos da sociedade do período, buscava memorar uma tradição (HOBBSAWN; RANGER, 1984). A possibilidade de uma imprensa negra no Sertão emerge a partir da categoria do “não-dito”, analisando as imagens publicadas em edições comemorativas do periódico dialogando com os escritos de Burke (2004) sobre a utilização das imagens como evidências para as pesquisas em História da Educação. Ao fazer uso dessas evidências, abre-se uma nova frente de possibilidades em relação a questão étnica dos grupos que transitavam pela folha. Ao estampar na primeira página um afroiguacuano, intelectual, atuante no cenário público local e regional, o periódico demarca-se como um jornal negro, feito e capitaneado por mãos negras.

Em termos metodológicos, este trabalho procura dialogar também com a História Local da Educação e a historiografia da Baixada Fluminense a partir dos trabalhos produzidos por Dias (2014) e Nascimento; Bezerra (2019), buscando colaborar em novos entendimentos sobre as histórias da educação na Baixada Fluminense, região estigmatizada que por vezes é associada à violência e ao descaso do Poder Público.

As cidades de Iguaçú: lugar, espaço, território e as redes de sociabilidade e solidariedade

A cidade de Nova Iguaçú emerge neste artigo como um espaço atravessador por múltiplas intencionalidades. Sabendo que é impossível capturar todas as singularidades contidas nos sujeitos e entretecidas nas diferentes urbes, optou-se aqui por priorizar aquela negra, fruto de (des)encontros e mobilizada a partir das relações estabelecidas entre os cidadãos e o espaço. Ao fazer uso das categorias de lugar, território e espaço, procura-se dialogar com a Geografia a fim de estabelecer os critérios que balizam o entendimento do que vem a ser, em uma escala macro, a região da Grande Iguaçú, espaço físico que comporta em seu território quase todos os municípios que no futuro formarão a Baixada Fluminense, e, e numa escala menor, o município-sede de Nova Iguaçú. A região recebe implicação de lugar, já que “os lugares são preenchidos de subjetividades” (CUNHA, 2008, p. 185). “O lugar, então, é o espaço preenchido, não desordenadamente, mas a partir dos significados de quem o ocupa” (CUNHA, 2008, p. 185).

A dimensão humana é o que pode transformar o espaço em lugar. O lugar se constitui quando atribuímos sentido aos espaços, ou seja, reconhecemos a sua legitimidade para localizar ações, expectativas, esperanças e possibilidades. Quando se diz “esse é o lugar de”, extrapolamos a condição de espaço e atribuímos um sentido cultural, subjetivo e muito próprio ao exercício de tal localização (CUNHA, 2008, p. 184).

Isto significa dizer que uma mirada desavisada pode comprometer o entendimento das singularidades contidas nos processos de ocupação do Recôncavo. Por ser um território geográfico extenso, diferentes formas de assenhoreamento ocorreram, já que “o território tem uma ocupação, e essa revela intencionalidades: a favor de que e contra quem se posiciona. Nesta perspectiva, não há territórios neutros. A ocupação de um território se dá no confronto de forças” (CUNHA, 2008, p. 185). “Sob essa ótica entende-se Nova Iguaçú para além de um território geográfico circunscrito, mas como um espaço socialmente construído (NASCIMENTO; BEZERRA, 2019, p. 131).

Os conflitos/mediações se davam nas relações apaziguadoras/conflituosas entretecidas entre os sujeitos, ora negociando e se aproximando, ora desfazendo laços para estabelecer outros, de acordo com o momento. A compreensão destas constantes negociações serão fundamentais para melhor analisar a relação do periódico *Correio da Lavoura* e seus colaboradores com o movimento ruralista em Iguaçú. Para tanto, é preciso trazer à baila as contribuições de Sirinelli (2003) no que tange às chamadas redes de sociabilidade e solidariedade, “tidas como agrupamentos permanentes ou temporários, qualquer que seja o grau

de institucionalização, nos quais os intelectuais decidem por inúmeras razões participar” (ZANOTTO, 2008, p. 38).

Simpatias e hostilidades, amizades e rancores, solidariedade e competição mesclam-se nas configurações e nos deslocamentos que marcam as redes de sociabilidade. Porque elas ganham materialidade em formas organizativas, algumas clássicas, como as revistas, as associações e os manifestos. (...) As redes de sociabilidade devem ser analisadas naquilo que cimenta as adesões e dissensões, que Sirinelli denominou de “microclima”. Nesse microclima, vale notar as relações de poder que atravessam essas redes de sociabilidade (ALVES, 2019, p. 36).

A cidade que procurava se fazer nova: o município-sede de Iguaçú (1917 – 1939).

O Recôncavo da Guanabara, as terras localizadas no fundo da baía de Guanabara, formam a região hoje conhecida como Baixada Fluminense. E a Baixada, durante algumas décadas esteve diretamente relacionada a um único município: Iguaçú. A rigor, a Grande Iguaçú. Este longo espaço territorial compreende quase todos os municípios que compõem uma das mais importantes regiões metropolitanas dos Estado do Rio de Janeiro: Nova Iguaçú, Belford-Roxo, Mesquita, Nilópolis, São João de Meriti, Duque de Caxias e Japeri.

A Grande Iguaçú emerge, em parte, do que foi a Vila de Iguassú¹, um entreposto comercial a meio caminho entre o litoral e o interior. “(...) O Recôncavo teve papel relevante,



Figura 1 Mapa da Grande Iguaçú, região que dará origem a Baixada Fluminense.

pois, através do Caminho Novo (1698-1710) se tornou o eixo articulador entre o centro político da capitania e o sertão (das minas)” (NASCIMENTO; BEZERRA, 2019, p. 52). A comunicação transporte dos gêneros produzidos nas roças e fazendas se dava a partir dos diferentes rios que cruzam a Vila em direção a Baía de Guanabara, como o rio Iguaçú, por exemplo.

¹ A grafia do nome Iguassú mudou com o decorrer do tempo, muito por conta das reformas ortográficas da Língua Portuguesa. Hoje a grafia é com “ç”.

José Mattoso Maia Forte (1933), pesquisador que se debruçou sobre a história da região, em sua publicação lançada em comemoração ao centenário de fundação da Vila de Iguassú em 1833, nos informa que a região, em suas dimensões geográficas, se estendia até a Vila de Magé subindo em direção à Nossa Senhora da Conceição de Alferes e Sacra Família, de lá partindo até Itaguaí e completando seus limites com o mar no fundo da Baía. Este vasto território abrigou diferentes ciclos econômicos como a cana-de-açúcar, o café e a citricultura. Com a criação da Estrada de Ferro D. Pedro II e sua consolidação como novo veículo de transporte em massa, conjugado aos frequentes surtos endêmicos causados pelo estrangulamento das vias fluviais para a passagem dos trilhos dos trens, a antiga sede administrativa da Vila foi, paulatinamente, abandonada fazendo emergir um novo aglomerado urbano nas proximidades da linha férrea, o Arraial de Maxambomba². Com isso, “o deslocamento do centro administrativo do município, da antiga Vila de Iguaçú, para as margens da ferrovia, no arraial de Maxambomba, foi oficializado em 1891. Em 1916, o novo núcleo administrativo, Maxambomba, foi nomeado “Nova Iguaçú” (NASCIMENTO; BEZERRA, 2019 p. 131).

O Pesquisador Carlos Eduardo Coutinho da Costa produziu importantes trabalhos sobre as migrações negras no contexto do Pós-abolição na região Sudeste. Na viragem do século XIX, com o fim da Abolição, intensifica-se um processo migratório de ex-escravizados por todo território nacional em busca de melhores condições de vida além de oportunidades nos grandes centros urbanos. As mudanças causadas pelo abandono sistemático das lavouras, muito em decorrência do empobrecimento das terras para o cultivo do café no Vale do Paraíba e o fortalecimento da mesma cultura no Oeste Paulista incentivou os processos migratórios da Serra para o litoral. Costa (2015) apontou que muitos destes sujeitos migravam por diferentes fatores: “Em primeiro lugar, nada deve ter incentivado mais a migração do que o desejo de muitos ex-escravos de reunir famílias separadas havia muito tempo pelo flagelo da época da escravidão” (COSTA. 2015, p. 107).

Um segundo fator a incentivar a migração pode também ter sido a busca de um maior e melhor acesso à educação. Desde o período da escravidão, muitos cativos deixaram, nas cartas de alforria, o desejo de trocar o cativo por longos anos de serviço obrigatório em troca de o patrão lhe assistir em caso de doença e, principalmente, dar educação aos seus filhos (COSTA, 2015, p. 107).

² Maxambomba – Machine Bomb – designa um tipo de veículo de transporte de passageiros composto por uma pequena locomotiva sem cobertura que puxava dois ou três vagões que poderiam ser também de passageiros, muito utilizado na região durante o período em que os rios da região do Recôncavo serviam como hidrovias.

As migrações, em alguma medida, fizeram com o que estes grupos viessem a se aproximar destas novas áreas urbanas que cresciam exponencialmente, “ou seja, após 1888, a capital federal passou a ser o centro de atração de mão de obra ociosa do Sudeste, em crise de produção” (COSTA, 2015, p. 105). Estes migrantes vão, em diferentes momentos, dada sua proximidade com a Capital, ocupar os terrenos da Baixada, assim como contribuíram na formação da população iguaçuana. “A Baixada Fluminense, Região Metropolitana do Rio de Janeiro, aparece como destino preferido dos filhos e netos de ex-escravos do Vale do Paraíba” (COSTA, 2015, p. 114).

Para além do aumento da oferta de serviços, regiões no entorno da cidade ampliaram suas produções, em parte direcionadas para o mercado de abastecimento da cidade e em parte para o mercado externo – como foi o caso dos laranjais em Nova Iguaçu, Campo Grande, Madureira e Cascadura – além das indústrias, com destaque para as fábricas de Bangu (COSTA, 2015, p. 109).

Várias destas questões permeiam os periódicos que surgem nas primeiras décadas do século XX, principalmente aqueles que despontam no território da Baixada Fluminense, região marcada por estes movimentos migratórios que formaram sua atual população. O município-sede de Iguaçu, centro político-administrativo da Grande Iguaçu, ainda que aglutinasse importantes órgãos responsáveis pela vida social na Baixada³, encontrava-se politicamente ligado à lavoura, caso diferente dos municípios de Nilópolis, São João de Meriti e Duque de Caxias⁴, por exemplo, o que fortaleceu o desejo por emancipações que contribuíram na fragmentação do seu território. A busca por esta autonomia política, em grande parte, esteve centrada no conflito ideológico entre a sede do município vista como “rural e atrasada” e os distritos mais distantes que buscavam se “modernizar”. A Grande Iguaçu recebeu investimentos em infraestrutura e mobilidade, fazendo com que cada região desenvolvesse um conjunto identitário próprio, muito ligado as demandas locais, muitas delas não atendidas pela liderança política estabelecida no município-sede. A pesquisadora Lucia Helena Pereira da Silva, ao estudar sobre os processos de urbanização da Grande Iguaçu, elenca alguns fatores que são significativos no entendimento da dinâmica que marca a região:

³ Em 1924, por exemplo, o município-sede possuía três cinemas: Cinema Modelo, Cine Iguaçu e o Cine Verde.

⁴ Os municípios de Nilópolis, São João de Meriti e Duque de Caxias serão os primeiros a se emancipar da cidade de Iguaçu muito por conta das significativas modificações urbanas impulsionadas pela política do Distrito Federal. A categoria de modernidade evocada como justificativa para o desmembramento da região tinha relação direta com os planos urbanísticos desenvolvidos no município-neutro e como estes irradiavam para as regiões sobre sua influência.

nas diferentes urbes que suas ações são legitimadas. Orbitando os diferentes debates, eventos e acontecimentos, estes elaboram suas redes de sociabilidade e solidariedade.

Os intelectuais modernos exercem suas funções de crítica ou de legitimação da ordem, sendo a cidade o lugar por excelência de exercício dessas atividades. Ou melhor, a condição urbana é definidora do papel dos intelectuais como intervenientes nos assuntos públicos. Estar atento às vozes das cidades, seus murmúrios, angústias e queixas, participar dos diferentes debates políticos, deliberar sobre as questões que impactam diretamente as vidas cidadinas, direcionar olhares e/ou chamar a atenção da opinião pública para questões que estão na ordem do dia exemplificam algumas das ações destes sujeitos. E para que estas mobilizações encontrassem solo fértil, se fazia necessário estar constantemente em movimento, ou seja, se fazer presente nos múltiplos eventos que cotidianamente acontecem na vida múltipla das cidades (WASSERMAN, 2015, p. 68).

Uma vida dinâmica e ativa e fazem necessárias a prática intelectual e estas estão presente nas ações de Silvino Azeredo e de seus parceiros. Seus passos estão registrados não só em seu periódico como em outras folhas do período. Ao longo destes anos de existência do *Correio da Lavoura* – 105 anos completos em 2022 – o diretor do jornal assinou poucas colunas, porém empreendeu uma vida pública dinâmica se fazendo presente em muitos eventos, comemorações, missas, debates políticos, reuniões da *Liga Brasileira Contra o Analfabetismo* e mais um sem número de ações que não foram registradas nas páginas dos jornais, o que indicia uma vida ativa tecendo redes sociais largas e vastas que, por muitas vezes, estendiam-se, inclusive, para além do território iguaçuano, o Distrito Federal e o próprio Estado do Rio de Janeiro. É imprescindível pontuar que os sujeitos são múltiplos, sendo impossível capturar todas suas nuances. Sabendo disso, seria impossível enquadrar Silvino Azeredo em todos os pertencimentos que marcaram sua vida. Por conta disso, a premissa que auxiliará na compreensão de suas ações enquanto intelectual será a sua prática jornalística.

Sua atividade à frente do periódico foi por e a partir de onde se estruturam, em parte, os laços de sociabilidade e solidariedade que foram instituídos com a fundação do jornal em 22 de março de 1917, mas não foram os únicos⁵. Ao longo de seus dias, em suas idas e vindas, criou amizades e construiu uma vida pública proativa. De acordo com a biografia compilada por seu filho Luiz Martins de Azeredo, após retornar da cidade de Pati dos Alferes, em 1885, com então 26 anos de idade, matriculou-se – com a ajuda de fazendeiros locais de Paty – no Externato Aquino e, posteriormente, na Escola Politécnica. Concomitante ao curso de Farmácia lecionava matemática no Liceu Português e, também, exercia o cargo de revisor do *Diário do Brasil*. A pesquisadora Amália Dias (2014) também realça esses aspectos:

⁵ Na pesquisa ainda em curso, foi possível identificar também os estreitamentos de laços a partir de casamentos.

Naquele efervescente período político, Silvino circulava pelo Rio de Janeiro, ensinando matemática no Liceu Literário Português e trabalhando na revisão do *Diário do Brazil*, fundado e dirigido pelo Deputado Antônio Alves de Sousa Carvalho. Segundo Lusirene Ferreira (2010), o *Diário do Brazil* era fortemente conservador, antiaboliconista e representava o interesse dos fazendeiros (DIAS, 2014, p. 49).

Ainda segundo seu filho, em 1912, estimou Seraphim Barbosa a criar o Curso Barbosa, instituição que oferecia aulas de “Portuguez, Francez, Inglez (theorica), Arithmetica, Algebra, Geometria, Historia-Geral e Geographia (especialmente do Brasil)” (CURSO BARBOSA, 24 jan 1918). Silvino de Azeredo aproximava-se constantemente da esfera educacional, algo que mais tarde figurará nas divisas que nortearam as ações empreendidas à frente de seu periódico: a lavoura, a higiene e a instrução. Em 22 de março de 1917 funda o jornal *Correio da Lavoura* na então Praça Ministro Seabra, hoje Praça da Liberdade, localizada no centro de Nova Iguaçu. Com a fundação da folha, o periódico ganha força e passa a atrair diferentes intelectuais de múltiplos pertencimentos étnicos. Entretanto, uma questão chama a atenção: a quantidade significativa de colaboradores negros⁶.

A questão étnica de Silvino Azeredo é outro ponto importante que necessita ser abordado. Retornando novamente à biografia escrita por seu filho, o fundador do *Correio da Lavoura* nasceu em 17 de junho de 1859 em Cachimbau, na Vila de Iguassú. Não se sabe a origem de seus pais, Cândido de Almeida de Azeredo Coutinho e Tereza Joaquina Conceição Coutinho, tampouco se eram cativos ou forros. De igual modo, nada é mencionado sobre sua condição ao nascer, 12 anos antes da primeira lei pró-emancipação da população cativa. Seu pertencimento étnico pode ter influenciado os laços que seriam futuramente estabelecidos, inclusive orientando a escolha dos colaboradores que viriam a integrar o corpo editorial da folha como poetas, outros jornalistas, políticos, professores e tantos outros intelectuais negros. Nas publicações do periódico delimitadas como recorte entre os anos de 1917 e 1939, não foram identificadas notícias, seções de opinião ou colunas que abordassem, pelo menos textualmente, o pertencimento étnico de seu fundador. Entretanto, mudando o ângulo da câmera e ampliando a mirada da objetiva, pode-se perceber vestígios significativos: as diferentes imagens dos colaboradores negros nas páginas. Os indícios perscrutados junto às fontes imagéticas podem sinalizar como Silvino de Azeredo deixava transparecer a sua condição de negro e de seus ajudadores ante os estigmas causados à população negra por conta dos três séculos e meio de escravidão.

⁶ A presente pesquisa já conseguiu mapear sete colaboradores negros que participavam ativamente na produção jornalística do *Correio da Lavoura*. Os cruzamentos estão sendo feitos a partir das imagens publicadas no periódico.

As imagens, como nos alerta Peter Burke, “são testemunhas mudas, e é difícil traduzir em palavras o seu testemunho. Elas podem ter sido criadas para comunicar uma mensagem própria” (BURKE, 2004, p. 18), ou seja, é necessário que uma análise crítica, acompanhada de uma compreensão do contexto de criação, sejam postos em prática para se evitar o uso alegórico das figuras que podem causar interpretações errôneas e/ou reforçar concepções enviesadas e disformes. Assim sendo, trazer luz sobre o processo criativo das imagens – quem as criou, quando criou, para quem criou e, principalmente, as intencionalidades dos sujeitos – torna-se fundamental para que estes vestígios imagéticos possam transmutar-se em vestígios históricos, já que “esses indícios não necessariamente ditam a relação verídica dos incidentes históricos, mas são testemunhas de uma parcela de articulação e conexão com atores e/ou ambientes históricos” (GODOY; OLIVEIRA, 2018, p. 91).

Estes indícios dão fôlego e produzem rebatimento positivos “pela sua potencialidade de conexão com possíveis ações e narrativas de um momento histórico, o que os qualifica, portanto, como potenciais documentos históricos (GODOY; OLIVEIRA, 2018, p. 91). Desta feita, ao propor a utilização das imagens publicadas no *Correio da Lavoura*, a ação objetiva indiciar, para além do pertencimento étnico do fundador, a atuação efetiva de sujeitos negros letrados e a imprensa negra iguaçuana.

A imprensa negra iguaçuana e a causa da instrução

A pesquisadora Ana Flávia Magalhães Pinto que estuda a imprensa negra no século XIX e XX sublinha em sua pesquisa os vários periódicos dirigidos por homens negros e como estes sujeitos, a partir da imprensa, denunciavam as mazelas da sociedade escravista e o limbo em que se encontravam os negros ainda cativos e, em especial, os libertos, que não estavam mais escravizados e também não eram vistos como cidadão plenos. Estes sujeitos, a partir dos jornais e tipografia formavam redes de sociabilidade e solidariedade, se fortalecendo enquanto grupo. A pesquisadora estabelece algumas delimitações para o enquadramento dos periódicos com vistas a dar corpo e forma ao que ela chamou de Imprensa Negra: o(s) autor(es), obra(s) e público(s). Estes três eixos norteariam a análise das publicações e sua disposição na categoria desenvolvida.

(...) recorri às categorias “autor”, “obra” e “público”, na qualidade de momentos da produção comunicativa, como estratégia de explicação. Assim, a noção de pertencimento orientaria essas três instâncias de acordo com suas especificidades. O reconhecimento de um jornal como manifestação da imprensa brasileira passaria pelos laços do periódico com o espaço em questão: feito por brasileiros; em solo brasileiro; direcionado a um público

brasileiro; em estreito diálogo com esse público; tratando de assuntos brasileiros.

Como mostraram a história e historiografia da imprensa brasileira, a depender dos interesses, da ocasião e das perspectivas, tais requisitos não precisaram ser contemplados em sua totalidade para que um impresso fosse afirmado como tal. (...) Desse ponto de vista formal, imprensa negra, imprensa brasileira, imprensa abolicionista, imprensa operária ou imprensa feminina seriam somente expressões compostas em que o adjetivo sugere possibilidades de entendimento, às quais também se conectam questões relativas à autoria, ao público e aos objetivos – jornais feitos por negros; para negros, veiculando assuntos de interesse das populações negras (PINTO, 2010, p. 20).

Partindo das categorias erigidas para o exame dos periódicos que poderiam se encaixar dentro das delimitações conceituais por ela estabelecidas, o *Correio da Lavoura* vai ao encontro em, pelo menos, um dos eixos propostos: feito por sujeitos negros. É possível, ainda, acrescentar mais um eixo balizador analisando a folha: a captação de diferentes sujeitos negros com múltiplos pertencimentos sociais: professores, poetas e jornalistas de outros semanários, por exemplo. Este alcance da folha pode indiciar como sua capilaridade, para além da divulgação das notícias jornalísticas, aproximavam os diferentes intelectuais dispostos pelo território do Recôncavo. A condução da folha por Silvino Azeredo e Silvino Silverio recebeu significativo destaque em diferentes trabalhos acadêmicos:

As fotografias do capitão Silvino de Azeredo publicadas no jornal, assim como de seus familiares e de seu colaborador Silvino Silverio, alertam para uma condição nunca mencionada nos textos: são intelectuais negros. Essa condição nos impõe a pensar a trajetória desse intelectual e sua escolha/possibilidade por atuar na imprensa (DIAS, 2014, p. 44).



Figura 3 Edição comemorativa do nascimento de Silvino de Azeredo.

A imagem evocada neste artigo, a partir dos critérios estabelecidos por Burke (2004) para a análise, procura indiciar a categoria do “não-dito” no âmbito do pertencimento étnico do fundador do *Correio da Lavoura*. Ao fazer uso das imagens como evidências, abre-se uma nova frente de possibilidades em relação à questão étnica dos grupos que transitaram pela folha. Ao estampar na primeira página um afroiguaçuano, intelectual, atuante no cenário público local e regional, o periódico demarca-se como um jornal negro, feito e capitaneado por mãos negras. A diagramação da página, o tamanho e a centralização da fotografia, o cuidado na escolha da melhor imagem, as colunas antecedidas pelas letras garrafais “homenagem ao nosso diretor” indiciam toda a intencionalidade na produção desta memória histórica jornalística local. Um homem negro letrado, intelectual atuante com bom trânsito entre os diferentes estratos da sociedade fluminense e carioca procura construir uma tradição ligada à vanguarda e à própria prática jornalística na Baixada Fluminense.

Este indício aqui elencado, a saber, a capa do jornal de 17 de junho de 1920, edição comemorativa de mais um aniversário do fundador da folha, edifica uma tradição, um legado à memória de Nova Iguaçu, neste caso, a figura icônica de Silvino de Azeredo. Outro fato significativo que lança luz sobre a atuação intelectual de Silvino de Azeredo, é a criação de uma classe noturna para crianças e adultos em Nova Iguaçu juntamente com a fundação de seu jornal. A classe estava sediada na Tiro Brasileiro de Iguaçu, na Vila Ibuty nº 01. A notícia foi veiculada juntamente com a edição comemorativa de lançamento do jornal *Correio da Lavoura* em 22 de março de 1917. Na coluna intitulada “Pela Instrução” a informação da criação é amplamente divulgada e, inclusive, recebe a cobertura de outros dois periódicos contemporâneos: A Tribuna e A Razão, ambos do Rio de Janeiro. Na publicação de 12 de março de 1917, na coluna “Página dos Estados – Cartas e Telegramas” do periódico “A Razão”, é noticiada a criação da classe de aulas noturnas na cidade de Nova Iguaçu, em Maxambomba, seu objetivo de cunho filantrópico em prol da causa da instrução e o nome dos demais colaboradores da empreitada:

E’ com prazer que noticiamos que acaba de ser creado nesta cidade, um Curso de aulas nocturnas para adultos e creanças, sob a direção do sr. Silvino de Azeredo Filho, nome bastante conhecido nesta localidade.

Não precisamos encarecer a grande utilidade que trará ao publico este novo estabelecimento de ensino que tem como principal objectivo philantropico, ministrar a instrução gratuitamente. Concorrendo com seu esforço para dar combate ao analphabetismo, o sr. Silvino de Azeredo Filho muito auxiliará a administração do dr. Reis, que muito interessado tem se mostrado na diffusão da instrucção dentro e fóra desta cidade.

Qualquer informação, com o sr. André Beluchi, na padaria Italiana, rua Coronel Bernadino Mello (Antiga Formosa) (NOVA IGUASSÚ – MAXAMBOMBA, 12 DE MARÇO DE 1917).

Analisando o fragmento jornalístico veiculado, alguns pontos chamam uma significativa atenção: A publicação que marca a fundação do jornal *Correio da Lavoura* e a anúncio da classe apresentam a datação de 22 de março de 1917. Contudo, no dia 12 do mesmo mês, 10 dias antes, a informação já se mostrava disponível na mídia para o público em geral, o que pode indicar que a criação da classe pode ter sido um evento anterior, recebendo cobertura da imprensa da Capital Federal que só foi apresentada à população iguaçuana juntamente com o lançamento da folha. Outra questão que igualmente atrai olhares são novos nomes de fundadores da classe que não são possíveis de serem identificados na edição comemorativa de fundação do *Correio da Lavoura*. Na edição, o nome de Silvino de Azeredo Filho, primogênito de Silvino de Azeredo surge como idealizador da classe. Em outras publicações, o feita está relacionado a Silvino de Azeredo, inclusive rendendo a ele o convite para integrar a *Liga Brasileira Contra o Analfabetismo* na cidade de Nova Iguaçu com o cargo de Delegado. A edição apresenta acelerado desgaste causado pelo tempo, o que dificulta, em muito, a leitura das páginas. Silvino de Azeredo esteve atuando ativamente também na formação do grupo escolar Rangel Pestana e a fundação do Hospital Iguaçu⁷.

Com a solidificação das fontes digitais, a partir de buscas efetuadas na Hemeroteca Digital e suas potencialidades, esta nova possibilidade de visualização do evento proporcionada pelo fragmento do “A Razão” fez emergir novos sujeitos, até então desconhecidos. Na notícia é possível localizar, para além do nome do fundador da classe, o do Dr. Reis⁸, político local que já se mostrava atuante na causa da instrução em Iguaçu assim como em locais diversos. O nome de André Beluchi⁹ também consta na publicação. A Classe de Aulas Noturnas para adultos e crianças era de cunho filantrópico e tinha como princípio ofertar a instrução primária de maneira gratuita e estava vinculada à *Liga Brasileira Contra o Analfabetismo*. A Liga, em seu programa publicado em 1915, anunciava que em sua escola seria ofertado “o ensino da Instrução Primordial básica, que consiste no conhecimento da Leitura, da escrita, dos elementos da aritmética e do desenho geométrico, e noções de Instrução Cívica” (LIGA

⁷ Na inauguração do Hospital Iguaçu, em 31 de março de 1935, importantes personalidades da época como o Dr. Luís Palmier e o presidente Getúlio Vargas foram recebidos por personalidades locais iguaçuanas. Entre elas estava Silvino de Azeredo, vice-diretor do hospital.

⁸ Manoel Reis, vereador e presidente da Câmara Municipal de Vereadores. Disponível em: <https://www.cmni.rj.gov.br/site/historia/livro-memoria-da-camara-municipal-de-novaiaguacu.pdf> Acesso em: 03/07/2022.

⁹ André Beluchi é dono da padaria Italiana, localizada na rua Formosa, hoje Bernardino de Melo, via principal as margens da linha férrea no centro de Nova Iguaçu. Pelo seu sobrenome, é possível supor que ele fosse de origem italiana. Não é possível afirmar qual relação foi estabelecida entre André, Silvino e a classe de aulas noturnas.

BRASILEIRA CONTRA O ANALFABETISMO, 1941). Desta forma, é possível supor que a classe fundada por Silvino de Azeredo, por estar filiada à referida liga, ministrava os conteúdos programáticos estabelecidos acima citados, assim como, de maneira paralela, incentivava o apego e amor à terra e a formação de um trabalhador rural mais preparado, disposta a dedicar-se à lavoura.

Considerações finais

O trabalho até aqui desenvolvido se desenrola a partir de uma dissertação ainda em construção e está passível de ressignificações e rearranjos de acordo com as novas evidências que podem vir a ser descobertas no sabor da pesquisa. É a surpresa que move o autor destas poucas palavras. Entretanto, aventar a possibilidade de instrução para a população do Sertão a partir de uma imprensa negra localizada em uma região periférica é significativamente gratificante. A Baixada Fluminense e, conseqüentemente, seus municípios, durante muitos anos, esteve ligada à violência, abandono e pobreza, o que mascarou as importantes contribuições advindas desta região e de seus sujeitos para a história do próprio município de Nova Iguaçu, como também para a história da Baixada Fluminense, do estado do Rio de Janeiro e, por que não, do Brasil. Diferentes estudiosos têm encarado a labuta de construir uma historiografia que dê conta das complexidades existentes neste território/espço sem perder as singularidades contidas em cada região, fazendo emergir novos sujeitos, novas descobertas e, acima de tudo, novos pesquisadores para dar continuidade a esta árdua tarefa. Figurar futuramente entre estes que antes do escritor deste texto pavimentaram o caminho em direção a este objetivo é, com certeza, a realização de um sonho e a coroação de todo o tempo e trabalho dedicados.

REFERÊNCIAS

ALVES, Claudia. Contribuições de Jean-François Sirinelli à história dos intelectuais da educação. Uberlândia: **Educação e Filosofia**, v. 33, n. 67, p. 27-55, jan./abr., 2019.

NOVA IGUAÇU, MAXAMBOMBA. *A Razão*. Rio de Janeiro, n.84, 12 mar 1917. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=129054&Pesq=%2212%20de%20mar%20c3%a7o%22&pagfis=714> acesso em 03/07/2022.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. São Paulo: EDUSC, 2004.

CAMPOS, Raquel Discini de. **No rastro de velhos jornais: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para a pesquisa da história da educação**. Campinas: Revista Brasileira de História da Educação, v. 12, n. 1 (28), p. 45-70, jan./abr., 2012.

CASTILHO, Denis. **Os sentidos da modernidade**. Boletim Goiano de Geografia, 2010, p. 125-140.

COSTA, Carlos Eduardo Coutinho da. **Migrações negras no pós-abolição do sudeste cafeeiro (1888-1940)**. Rio de Janeiro: Topoi, v. 16, n. 30, p. 101-126, jan./jun., 2015.

CUNHA, Maria Isabel da. **Os conceitos de espaço, lugar e território nos processos analíticos da formação dos docentes universitários**. São Leopoldo: Educação Unisinos, v. 12, n. 3, set./dez., 2008

DIAS, Amália. **Entre laranjas e letras: processos de escolarização no distrito-sede de Nova Iguaçu (1916-1950)**. Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2014.

FORTE, José Mattoso Maia. **Memória da fundação de Iguassú: comemorativa do primeiro centenário da fundação da villa em 15 de janeiro de 1833**. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, Rodrigues & C, 1933.

GODOY, Guilherme Tadeu de; OLIVEIRA, Mirtes Cristina Marins de. **Acervos de centros de pesquisa: a construção da narrativa histórica e os materiais iconográficos**. Campinas: Pós-Limiar, 1 (2), 89-102, jul./dez., 2018.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOMENAGEM AO NOSSO DIRETOR. O HERÓE DO DIA. Correio da Lavoura. Nova Iguaçu, ano I, n. 45, 17 jun 1920. Disponível em:
http://rima.im.ufrj.br:8080/jspui/bitstream/1235813/788/1/Correio%20da%20Lavoura_45_Janeiro_1918%20%28finalizado%29.pdf Acesso em 15/08/2022.

LIGA BRASILEIRA CONTRA O ANALFABETISMO, 1941.

NASCIMENTO, Álvaro Pereira do; BEZERRA, Nielson Rosa. **De Iguassú à Baixada Fluminense: histórias de um território**. Curitiba: Editora Appris, 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias.** Revista Brasileira de História, 2007.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Imprensa negra no Brasil do século XIX.** São Paulo: Selo Negro, 2010.

SILVA, Lucia Helena Pereira da. **Saneamento e Política na Baixada Fluminense: Nova Iguaçu no início do século XX.** Florianópolis: Revista de Ciências Humanas, v.48, n. 2, p. 282-302, jun-dez, 2014.

WASSERMAN, Claudia. **História Intelectual: origens e abordagens.** Tempos Históricos, v. 19, 1º sem 2015, p. 63-79, 2015.

ZANOTTO, Gizele. **História dos intelectuais e História intelectual: Contribuições da historiografia francesa.** Rio Grande: Biblos, 22 (1), 31-45, 2008.